

## “POUCO A POUCO, O VAZIO FOI DIMINUINDO...”: LITERATURA INFANTIL, TEMAS FRATURANTES E AMPLIAÇÃO DAS EXPERIÊNCIAS DO LEITOR CRIANÇA

"LITTLE BY LITTLE, THE EMPTINESS WAS DIMINISHING...": CHILDREN'S  
LITERATURE, FRACTURING THEMES AND EXPANSION OF EXPERIENCES OF  
THE READER CHILD

Recebido: 27/07/2023 Aprovado: 23/10/2023 Publicado: 26/03/2024

DOI: 10.18817/rlj.v8i1.3379

Fabíola Cordeiro de Vasconcelos<sup>1</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0002-1908-3059>

Maria Betania Barbosa da Silva Lima<sup>2</sup>

Orcid ID: <https://orcid.org/0000-0001-9005-0770>

***No fundo, os livros são isto: conversas sobre a vida.***

(Yolanda Reyes, 2012, p. 29)

**Resumo:** Num contexto de crise e permanente transformação dos referentes e parâmetros que organizam a vida, trazendo significativas implicações aos modos dos sujeitos sentirem e se relacionarem, os temas fraturantes, evitados durante muito tempo, são cada vez mais frequentemente contemplados na literatura infantil, com a abordagem, por exemplo, dos sofrimentos existenciais vividos pelas crianças e seus modos de enfrentá-los. Considerando isso e tomando como base o livro "Vazio", da escritora espanhola Anna Llenas, e as reflexões efetuadas por autores que discutem a literatura, suas temáticas e influência na formação dos sujeitos, neste texto pretende-se ressaltar o caráter humanizador da literatura para crianças que, enquanto arte e espaço de tratamento de temas que fazem parte da vida de todos, exerce significativo papel na ampliação das experiências e compreensões do pequeno leitor sobre si e o que o cerca.

**Palavras-chave:** Temas fraturantes; Literatura infantil; Leitor criança; Experiências infantis.

**Abstract:** In a context of crisis and permanent transformation of the referents and parameters that organize life, bringing significant implications to the modes of the subjects modes feel and relate, the fracturing themes, avoided for a long time, are often contemplated in children's literature, with the approach, for example, the existential sufferings experienced by children and their ways of facing them. Considering this and taking as a basis the book "Vazio", by the spanish writer Anna Llenas, and the reflections made by authors who discuss the literature, its themes and influence on the formation of subjects, this text is intended to highlight the humanizing character of literature for children who, while

<sup>1</sup> Possui graduação em Licenciatura Plena em Pedagogia pela Universidade Federal da Paraíba (1995), graduação em Licenciatura Plena em Psicologia pela Universidade Estadual da Paraíba (1992) e mestrado em Psicologia Cognitiva pela Universidade Federal de Pernambuco (1999). Atualmente, é professora lotada na Unidade Acadêmica de Educação do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande. Tem experiência na área de educação, atuando principalmente nos seguintes temas: aprendizagem, leitura, produção textual na academia e literatura infantil. E-mail: [fabiolacordeiro@uol.com.br](mailto:fabiolacordeiro@uol.com.br)

<sup>2</sup> Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino - PPGLE da universidade Federal de Campina Grande - UFCG. Mestre em Educação pelo Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba (2012); Especialista em Educação Infantil pela Universidade Federal da Paraíba (2005); Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (2005); graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual da Paraíba (2003). Professora efetiva da Unidade Acadêmica de Educação Infantil da Universidade Federal de Campina Grande. Integrante do Grão (Grupo de Estudos e Pesquisas Crianças, Infâncias e Educação Infantil. Áreas de interesse: Educação Infantil, Práticas pedagógicas na Educação Infantil, Letramento literário e Inclusão. E-mail: [mariabetaniab@gmail.com](mailto:mariabetaniab@gmail.com)

art and space for dealing with themes that are part of everyone's life, play a significant role in expanding the experiences and understandings of the small reader about himself and what surrounds him.

**Keywords:** Fracturing themes. Children's literature. Child reader. Children's experiences.

## Introdução

As obras literárias infantis, além de cumprir o propósito de promover a fruição e o acesso à experiência artística e estética, precisam permitir à criança a ampliação de suas vivências em múltiplos âmbitos, auxiliando-a a melhor compreender o que sente e a lidar ativa e reflexivamente com o que vive, especialmente num contexto em que imperam crises, incertezas, violências e transformações aceleradas dos modos de ser e estar no mundo.

Diante disso, a literatura infantil pode constituir-se como caminho importante para que, identificando-se com o que nela é tratado e com o modo como isso é feito, a criança seja instigada a “olhar para dentro de si” e, em decorrência, a ampliar suas possibilidades enquanto sujeito humano e leitor de si e do que o cerca. Assim, vendo representadas no texto literário, simbolicamente, questões que experimenta e observa, e identificando-se com elas, pode encontrar respostas e caminhos que lhe permitam compreender-se e entender o que vive.

Nessa perspectiva, assuntos situados no âmbito dos chamados temas fraturantes, como os “vazios” que todos nós, humanos, sentimos e enfrentamos, podem ser tratados pela literatura direcionada às crianças, desde que sejam abordados artisticamente, com sensibilidade, respeitando as suas características cognitivas e linguísticas, desse modo ajudando-as a ampliar e enriquecer os seus conhecimentos e experiências.

Muitas vezes, imagina-se que por voltar-se a um leitor com menor experiência de vida e que, por isso, precisa ser “protegido” da crueldade de um mundo real cheio de sofrimento e agruras, a literatura infantil não deva tratar de temas concernentes à complexidade e às dificuldades da existência vital. Desconsidera-se, com tal pensamento, que a criança é humana e, como tal, vivencia, a partir de suas características cognitivas e psíquicas, situações e experiências que são próprias dos seres humanos, nelas incluídas aquelas que implicam dor, falta, tristeza e sofrimento.

Portanto, ao abordar tais questões, tal literatura pode auxiliar a criança a, partindo do artístico e estético, refletir sobre o que vive, sente e experimenta. Com

isso, subsidia possibilidades de ela, ao identificar-se com as situações que o(s) personagem(ns) da ficção enfrenta(m), melhor compreender, a partir do simbólico, aquilo com que se depara no mundo da realidade.

Diferentes obras literárias infantis publicadas nos últimos anos vêm caracterizando-se por essa perspectiva de tratamento de temas antes evitados nos livros voltados aos pequenos. Entre elas, vale destacar “Vazio”, obra espanhola publicada no Brasil no ano de 2017 e que trata dos buracos existenciais que todos nós, humanos, temos e da busca que, constantemente, fazemos por preenchê-los, intentando encontrar novos sentidos para viver e nos relacionar com os outros.

Tomando como base as características dessa obra, este artigo busca refletir sobre a relevância de a literatura dirigida às crianças constituir-se como espaço de abordagem de aspectos complexos da existência humana, configurados como temas fraturantes, desse modo auxiliando-as a melhor entender o que vivem – seus sentimentos, emoções, faltas, comportamentos, desejos etc. Diante disso, além da caracterização do livro, busca, a partir da reflexão acerca de sua qualidade artística, discutir a relevância da arte literária para, ao mesmo tempo em que encanta e diverte, favorecer o pensar do leitor sobre questões subjetivas e relacionais.

Para dar conta desse intento, o texto inicia-se com uma reflexão sobre a relação entre a arte literária e o processo de humanização dos sujeitos, focalizando a literatura dirigida às crianças como caminho para auxiliá-las em sua subjetivação e no enriquecimento de suas experiências pessoais e sociais. Na sequência, discute as relações entre literatura infantil, temas fraturantes e leitor criança, a fim de ressaltar a relevância de o literário ser caminho para que esse leitor, olhando para dentro de si, reflita sobre o que experimenta interna e externamente. A partir dessas considerações iniciais, caracteriza a obra literária “Vazio” e toma as suas peculiaridades e o fato de abordar um tema fraturante como elementos para uma reflexão a respeito de como a literatura, cumprindo uma função humanizadora, pode contribuir para que o leitor criança amplie suas possibilidades de compreensão de si e do mundo.

### **Literatura e humanização: o papel do artístico na ampliação das compreensões e vivências do leitor criança**

A literatura desempenha um papel muito significativo na experiência dos sujeitos. Ler textos ficcionais que, pelo viés artístico e estético, abordam diferentes

aspectos da experiência humana, com marcas de sensibilidade e a partir de uma visão subjetiva do existir, é vivência transformadora, gratificante e prazerosa (Aguiar, 2013). Nesse processo, o leitor descobre um caminho estimulante, em que o prazer de identificar-se com o lido, encontrando-se no texto, alia-se ao prazer decorrente de deparar-se com o desconhecido, o que abre a possibilidade de descoberta de novos modos de ser e viver.

Como defendido por Reyes (2012, p. 26), “a literatura deve ser lida – vale dizer: sentida – a partir da própria vida”, com a qual estabelece um estreito vínculo. Portanto, tendo como matéria-prima a experiência de vida do ser humano, é a partir desta que deve ser compreendida e fruída, de modo a contribuir para que o leitor, com base no ficcional e no que ele simboliza, aprimore-se e ao seu existir. Nessa direção, como aponta a autora, a experiência com o literário presenteia o leitor com norteamentos para que possa situar-se em mundos simbólicos criados por outros seres humanos, fornecendo caminhos para que, a partir da imersão nesses mundos, possa encontrar-se.

Buscada pelos indivíduos com o intuito de compreenderem algo mais sobre suas contradições, misérias e grandezas, ou seja, sobre o que profundamente os caracteriza como humanos, a ficção é fundamental à sua experiência (Andruetto, 2012). Nesse sentido, cabe reiterar o estreito relacionamento do universo ficcional com a vida, além do fato de que a ficção, pelos mundos imaginários que expressa e pela interação que possibilita entre eles e o mundo pessoal do leitor, permite a este descobrir outros caminhos, imaginar novas possibilidades, libertar-se, mesmo que momentaneamente, da dureza e contundência do mundo real, como tão bem expressa a autora:

A ficção, cuja virtualidade é a vida, é um artifício cuja leitura ou escuta interrompe nossas vidas e nos obriga a perceber outras vidas [...] Palavra que chega pelo que diz, mas também pelo que não diz, pelo que nos diz e pelo que diz de nós, tudo que facilita o caminho até o assombro, a comoção, o descobrimento do humano particular, mundos imaginários que deixam surgir o que cada um traz como texto interior e permitem compartilhar os textos/mundos pessoais com os textos/mundos dos outros. Possibilidade de criar um impasse, de esgueirar-se, por um momento, da pesada flecha do real que, indefectivelmente, nos atravessa, para imaginar outros roteiros (Andruetto, 2012, p. 55).

Portanto, um compromisso profundo e essencial com a existência humana concreta (Azevedo, 2004) é especificidade da literatura, cabendo-lhe, através de personagens e histórias imaginados, abordar, de modo prazeroso e sensível, assuntos humanos relevantes. Os textos literários, dessa maneira, são capazes de nos tocar e, ao mesmo tempo, nos instigar a refletir sobre nossas visões do mundo, convidando-nos a pensar sobre como viveríamos o que é apresentado no universo ficcional.

A literatura tem como alimento a subjetividade e é só em função dela que se concretiza, por isso desempenhando um papel fundamental na experiência vital humana. Construída a partir do “pleno espanto do viver” (Britto, 2008, p. 98), é capaz de revelar o existir não em sua configuração imediata, mas em suas formas possíveis. Assim, viabiliza que, por caminhos subjetivos, o ser humano pense em outras possibilidades para a sua existência.

Dessa forma, relacionando-se proximamente com a vida e os processos de subjetivação, constitui-se como um caminho profícuo ao alargamento das possibilidades de o leitor compreender-se e, também, de atribuir sentidos ao que o cerca. Nessa perspectiva, o poeta Bartolomeu Campos de Queirós afirma o seu respeito à literatura, ressaltando a capacidade desta na promoção de “um diálogo subjetivo, íntimo, secreto e bem próximo da delicadeza com que os humanos gostam de ser tratados” (QUEIRÓS, 2008, p. 158-159). Daí acreditar que a literatura, por promover relações de liberdade entre o leitor e o texto, constitui-se como alternativa para que o ser humano possa apropriar-se, cada vez mais, de sua própria humanidade.

Sob essa perspectiva, Antonio Candido (2004, p. 22) também compreende a literatura, defendendo que é por nos fazer viver, fornecendo-nos possibilidades para enfrentar dialeticamente os problemas, que ela nos humaniza em sentido profundo. E é nesse processo de humanização que, segundo o autor, ela garante ao homem a aquisição de características essenciais “como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor”. Por seu caráter organizador da palavra, ao qual Candido atribui a condição de “primeiro nível humanizador” da literatura, ajuda o leitor a organizar sua mente e sentimentos, por isso auxiliando-o a organizar, em decorrência, a sua visão do mundo.

Assim, permitindo ao leitor olhar para o próprio interior e ver-se em perspectiva, o literário tem a capacidade de abrir caminhos à sensibilidade e ao entendimento de si e dos outros, o que também é destacado por Reyes (2012). Trata-se, afirma a autora, de um duplo movimento que implica voltar-se para dentro de si, mas, ao mesmo tempo, paradoxalmente, compreender-se em perspectiva, como a perceber-se para fora e para além. Ambos os caminhos levam à construção de um processo em que o leitor, ao transcender, por intermédio da experiência estética, o aqui e agora, alcança possibilidades de uma vida em que progressivamente humaniza-se (Britto, 2008).

A literatura apresenta-se, pois, como uma forma de arte que, ao tratar da existência humana sob múltiplos matizes, provoca desdobramentos e estranhamentos no interior do leitor, por isso dando-lhe “armas para ser diverso de si mesmo” (Goldin, 2012, p. 106). Ao constituir-se como espaço de liberdade e inquietar aquele que lê, fornece ferramentas para que ele se transforme em outros e o mune com capacidades para entender-se, modificar-se e, assim, fazer-se humano.

Para as crianças, especificamente, a experiência literária é fundamental por apresentar-lhes visões variadas a respeito de diferentes aspectos da existência humana e, com isso, fornecer-lhes ferramentas que, intervindo em seu universo subjetivo, auxiliam-nas a melhor compreender o que sentem e vivenciam, ampliando as suas capacidades e experiências. Como realçado por Reyes (2010), as vivências com a literatura na infância oportunizam múltiplos aprendizados e descobertas que permitem compartilhar com outros o grande texto historicamente produzido por muitas vozes e que é prova de nossa humanidade:

Saber que a imaginação nos permite ser outras pessoas e nós mesmos, descobrir que podemos pensar, nomear, sonhar, encontrar, comover e decifrar a nós mesmos nesse grande texto escrito a tantas vozes por uma infinidade de autores ao longo da história, é o que dá sentido à experiência literária como expressão de “nossa humanidade comum” (Reyes, 2010, p. 15).

O literário, então, enriquece infinitamente os sujeitos ao permitir-lhes – imaginando, encontrando-se e compartilhando com outros humanos a experiência de simbolizar e representar a realidade – responder à sua vocação humana. É nesse sentido que Todorov (2012) pontua que a literatura, sendo mais eloquente e densa do que a vida cotidiana, ao falar de assuntos que dizem respeito a ela, tem a capacidade



de ampliar o universo pessoal dos sujeitos, aqui consideradas as crianças, e impeli-los à construção de outras formas de compreender e organizar esse universo.

### **A literatura infantil, os temas fraturantes e o leitor criança: universos que se inter cruzam**

Petit (2021) afirma ser possível, hoje, caracterizar o mundo como um espaço em crise que, por constantemente desmontar e desordenar os parâmetros organizadores e orientadores da existência, gera estados de vulnerabilidade nos sujeitos, sejam eles adultos ou crianças. Explica que

Uma crise se estabelece de fato quando transformações de caráter brutal – mesmo se preparadas há tempos –, ou ainda uma violência permanente e generalizada, tornam extensamente inoperantes os modos de regulamentação, sociais e psíquicos, que até então estavam sendo praticados. Ora, a aceleração das transformações, o crescimento das desigualdades, das disparidades, a extensão das migrações alteraram ou fizeram desaparecer os parâmetros nos quais a vida se desenvolvia, vulnerabilizando homens, mulheres e crianças, de maneira obviamente distinta, de acordo com os recursos materiais, culturais, afetivos de que dispõem e segundo o lugar onde vivem (Petit, 2021, p. 20-21).

Diante disso, a autora chama a atenção para o fato de, nessa conjuntura, a literatura poder constituir-se como “uma reserva da qual se lança mão para criar ou preservar intervalos onde respirar, dar sentido à vida, sonhá-la, pensá-la” (Petit, 2021, p. 285), o que também se aplica às crianças e jovens e à literatura dirigida a eles. “Nossas crianças e jovens estão imersos em uma cultura de pressa e tumulto que os iguala a todos e que os impede de se refugiar em algum momento do dia ou, inclusive, de sua vida, no profundo de si mesmos”, daí serem fundamentais as experiências com o texto literário e com os livros que o veiculam (Reyes, 2012, p. 27).

Refletir especificamente sobre a literatura infantil e seu destinatário – a criança – implica considerar uma relação de proximidade, em que um sujeito peculiar, com formas de pensar e agir próprias, encontra-se com um universo a ele voltado e para ele pensado, de modo a satisfazer suas necessidades de experiência e a fomentar a ampliação de suas formas de compreender o mundo e de nele situar-se. Desse modo, tratar da literatura voltada às crianças pressupõe compreendê-las como sujeitos vivos, ativos, suscetíveis à felicidade e à tristeza, que se relacionam com outros seres, que

pensam sobre o mundo e constroem ideias sobre ele, que se alegram e brincam, mas que também sofrem perdas e aprendem, cotidianamente, as coisas boas e ruins da vida.

É preciso, pois, que essa literatura, considerando esse destinatário, aborde diferentes temas que a ele digam respeito e que, tratando-os de um modo que respeite as suas características cognitivas e emocionais, o auxilie a melhor entendê-los e a lidar com eles. Entretanto, percebendo uma preocupação com o endereçamento dessa literatura ao tratamento de determinados temas, o que pode afastá-la de sua condição de arte, Bajour (2012, p. 26) alerta para o perigo de, sendo encarada predominantemente como instrumento para tratar de problemas sociais, questões relacionadas a valores, assuntos escolares ou situações pessoais, a literatura correr o risco de ser reduzida “a uma representação de fachada sedutora pela qual se entra para tratar de diversos temas”. Embora reconhecendo que essa dimensão não é menor, já que na maioria das vezes é a porta de entrada para falar-se daquilo que os textos literários instigam, realça que estes são, antes de tudo, construções artísticas que dizem, mostram, calam e sugerem de um modo e não de outro.

Para Cademartori (2009, p. 48), os temas são um aspecto controverso na literatura endereçada à criança, por isso propício à discussão e à reflexão, uma vez que, hoje, embora uma variedade de assuntos a integre, apenas em tese deixou de existir circunscrição temática para o público infantil. Para a autora, ainda é a idealização da infância que explica boa parte dos temas, personagens e tramas que tal literatura carrega.

Nessa perspectiva, opondo-se à ideia de que a infância deve ser blindada do convívio com temas difíceis e dolorosos que possam agredir sua suposta natureza pura e ingênua, Barth postula que

há uma certa tendência em idealizar a infância como uma fase de pureza, ingenuidade e total desproteção. Assim, adultos tendem a imaginar que crianças precisam ser superprotegidas de traumas e da realidade cruel do mundo, além de apenas serem capazes de pensamentos ingênuos e bondosos sobre [ele]. Entretanto, não é assim, é justamente na infância que todos tomamos contato com temas fraturantes, mesmo com toda proteção possivelmente recebida dos adultos (Barth, 2022, p. 60).

Na visão do autor, portanto, é inócua a tentativa de proteger e livrar as crianças do convívio com os chamados temas fraturantes, uma vez que, apesar da proteção



que lhes é dirigida, é justamente na infância que elas têm contato com assuntos que são parte do que nos constitui como seres humanos (Oliveira-Iguma, 2022) e, abrangendo tabus como sexo, morte, violência, sofrimento, terrorismo, guerra, genocídio e doença, incluindo todas as suas variáveis e combinações, compõem uma lista praticamente infundável (Ramos; Vernon, 2015).

Convencionou-se denominar de temas fraturantes as temáticas consideradas polêmicas (Anná; Michelli, 2022), por isso encaradas como tabus e, por muito tempo, “apagadas” nas produções dirigidas ao público infantil. Hoje, entretanto, agindo contra esse apagamento e deixando vir à tona o que a sociedade quer calar (Gama-Khalil; Borges; Oliveira-Iguma, 2022), a literatura infantil e juvenil vem se constituindo como relevante espaço ao tratamento desses temas.

Reyes (2021, p. 100), em compreensão diferente, coloca-se “contra um lugar comum que afirma que a literatura contemporânea para crianças está descobrindo como abordar temas difíceis”, pois advoga que ela sempre tratou disso – “Também do riso e do belo e o bom, mas unido a lágrimas, ao mais grotesco e à maldade: tudo junto” - e que esse é justamente o motivo pelo qual, ao longo de sua história, enfeitiça e provoca fascínio. Nessa direção, ressalta que a literatura pode auxiliar as crianças a lidar com as emoções que vivenciam desde o começo da vida e sobre as quais os adultos pouco costumam falar com elas, parecendo acreditar no fato de que não existe o que não se nomeia.

Anná e Michelli (2022), inclusive, defendem ser improvável não contemplar os temas fraturantes nos textos literários, até mesmo na literatura infantil, uma vez que literatura é arte, cultura e elemento formador que se alimenta daquilo que é humano, subjetivo e sensível. Assim, advogam que tais temas podem e devem ser explorados nos textos literários dirigidos às crianças e jovens, já que acreditam que para a arte em geral, e também para a literatura, não deve haver assunto tabu, polêmico ou proibido.

Para Barros e Azevedo (2019), a emergência hodierna desses temas decorre das atuais realidades sociais, nas quais urge questionar e refletir sobre assuntos dos quais a criança, em nome de intuítos de proteção pelo adulto, é comumente afastada. Essas temáticas, segundo os autores, integram tendências contemporâneas na literatura direcionada à infância e requerem ser tratadas com a seriedade e a dignidade necessárias ao seu entendimento e à consequente compreensão da

realidade, o que vem ocorrendo através dos gêneros editoriais que as comportam, entre os quais se destaca o livro infantil ilustrado.

Por isso, para cumprir a contento sua condição de arte e caminho a uma experiência humanizadora, o texto literário voltado à criança não pode subestimá-la, apresentando-lhe, de maneira pueril, uma visão da existência que pouco ou nada desafie e inquiete sua compreensão do que lhe cerca e do que vive e experimenta. A leitura literária deve, por isso, prestar-se ao alargamento dos horizontes do pequeno leitor, o qual, a partir das informações, ideias, sentimentos e questões sobre o homem e o mundo que a obra literária comporta, é provocado a construir respostas e a formular novas indagações (Aguiar, 2006).

Os mundos da criança e da literatura se inter cruzam porque aquela busca no universo literário textos que lhe agradem, encantem e divirtam, enquanto esta oferece textos sensíveis que lhe seduzem, emocionam, despertam questionamentos e possibilitam, como defendido por Burlamaque (2006, p. 84), “uma melhor organização do conhecimento de si mesm[a] e do mundo em que vive”.

Nessa relação caracterizada por inúmeras possibilidades de viver o novo, aprimorando formas anteriores de compreender a si, ao outro e ao mundo, a literatura mostra o seu poder e cumpre um relevante papel na formação do leitor criança, uma vez que possibilita a ele uma experiência dialógica, de alteridade e de subjetivação que encanta, incomoda, provoca e faz pensar. Por isso, como tão bem salienta Parreiras (2009), ela abre caminhos em vez de fechá-los ou de lhes colocar um ponto final. Ao repercutir na interioridade do leitor, enchendo-o de afetos e sentimentos, consegue deslocá-lo e desacomodá-lo, por isso transformando-o e humanizando-o, o que é o caso de qualificadas obras literárias infantis recentemente publicadas.

### **“Vazio”: temática relevante e estética visual original ajudando a criança a ampliar possibilidades enquanto leitora de si e do mundo**

Lipovetsky (1980 *apud* Barth, 2022) aponta que, contemporaneamente, vivemos em uma era em que predominam lacunas e há uma desorientação em diferentes âmbitos, marcada pelo fato de tudo ser impreciso e vago, de faltarem referentes claros e de os conceitos e verdades serem flutuantes. Nesse contexto, o vazio que ocorre no âmbito externo pode habitar também o interior dos sujeitos, desse modo, resultando em sentimentos de falta, tristeza e incompletude que trazem

significativas implicações, por exemplo, nos âmbitos emocional e relacional, não cabendo, também por esse motivo, serem desconsiderados pelo universo artístico, o qual, segundo Perissé (2014), educa ao desencadear autoconhecimento e amadurecimento pessoal:

A arte é formativa porque dá forma a sentimentos e ideias. A dor, o amor, a traição, a compaixão, a luta pela verdade, a crueldade, a miséria, a pilhéria, o medo, a desastrada quebra de um segredo, o pessimismo, o heroísmo se formam e se transformam em melodias, em pinceladas enérgicas, em frases, em desenhos, em movimentos, em cores inéditas, em efeitos especiais, em ritmos, em tons, em linhas, em curvas etc. Mas também é formativa quando nos forma, quando forma e transforma nós próprios. Quando nos faz intuir, sentir, captar de modo denso e profundo algo que de outro modo teríamos grande dificuldade para descobrir (Perissé, 2014, p. 52).

O autor destaca a importância da arte, inclusive a literária, para focar questões humanas e, desse modo, ajudar os sujeitos a desvelar e compreender o que vivem, o que também acontece com a literatura infantil e seu destinatário. Nessa perspectiva, compreender o leitor criança como sujeito interessado e capaz demanda dirigir-lhe textos literários que fomentem suas possibilidades para melhor entender o que vive e sente, dessa maneira favorecendo sua compreensão de si e do que o cerca. Considerando isso, Barth (2022) postula que a literatura infantil pode e deve representar os distintos estados emocionais de uma criança, inclusive o medo e a ansiedade.

“Vazio”, obra criada pela arte-educadora espanhola Anna Llenas e publicada no Brasil, em 2017, pelo selo Salamandra, cumpre esse intento, uma vez que, embora tratando de um tema fraturante que, para alguns, parece pouco adequado às crianças, aborda-o de modo próximo a elas e às suas capacidades de entender o que vivem, considerando que as perdas, os vazios e as faltas deles consequentes são questões que dizem respeito a todos os humanos, inclusive as crianças. A temática abordada é recorrente na produção literária da autora-ilustradora que, a partir de uma formação que também inclui, além de ilustração, estudos de Psicologia Analítica e Psicoterapia pela Arte, cria livros com foco nas emoções infantis, intentando o fomento, pela via do ficcional, a sua escuta e compreensão.

A narrativa, concretizada num bonito e surpreendente livro, conta a história da menina Júlia, que vivia com sua família em uma casa pequenina e que, como tantas

outras meninas, era feliz e tranquila. Entretanto, um dia tudo mudou e ela ficou apenas com um grande vazio. Instaura-se, com isso, o elemento desencadeador do desenvolvimento da narrativa, embora nesta não se explicita o que provocou esse vazio, dando ao leitor margem para atribuí-lo a diferentes motivações. A partir daí, ocorrem as tentativas da personagem para preencher aquele buraco por onde o frio atravessava seu corpo, de onde apareciam monstros e que sugava todas as coisas, parecendo crescer sempre mais. Ela busca, então, encontrar uma “tampa” que sirva para fechá-lo, ou seja, descobrir meios de superar suas faltas, tristezas e angústias.

Pela via do artístico, “Vazio” trata de um tema humano e que, como tal, marca a existência de todos: os “buracos” que decorrem dos sofrimentos e perdas que vivenciamos, que nos provocam angústia, solidão e que demandam de nós saber lidar com a dor e, a partir disso, encontrar caminhos para, de novo, ligar-nos a nós e aos outros. Nesse sentido, trata de questões que também dizem respeito ao que a criança vive, uma vez que, como qualquer ser humano, ela se entristece e precisa lidar com perdas e sofrimentos. Na leitura do livro, aproximando-se do narrado, pode ver-se nele contemplada e, a partir do vivido pela personagem, melhor entender suas próprias experiências e enfrentar os desafios que elas lhe impõem.

É nesse sentido que Bernardo (2005) trata da catarse como um processo que extrapola a simples identificação do leitor com o personagem. Para além disso, implica a construção sempre enriquecedora, a partir da experiência estética, de uma nova identidade para o leitor. Dessa maneira, o autor esclarece que

o escritor não cria o personagem com a nossa cara e a nossa personalidade, como se nos conhecesse: nós é que nos transformamos nele sem sentir, durante a leitura, terminando-a ligeiramente diferente do que éramos antes de abrir aquele livro. **O processo de catarse é, na verdade, o processo de reconhecimento de si mesmo como alguém que há pouco não se era, isto é, um processo de produção dinâmica, permanente, infinita, de si mesmo.** O leitor não se identifica propriamente com o personagem, mas sim o personagem é que oferece ao leitor uma identidade (Bernardo, 2005, p. 20, grifo nosso).

É a aproximação do leitor criança com o que, na narrativa em questão, a personagem experimenta e compreende que promove tanto a reidentificação proposta por Bernardo (2005) quanto a ampliação das experiências do leitor, aí cumprindo-se uma importante função do literário, que é tão bem definido pela escritora Marina Colasanti (2008, p. 166) quando afirma que “literatura é prazer e é aprendizado, é um

importante diálogo com o mundo, é estruturante”. É possível, pois, ressaltar que o literário infantil, ao mesmo tempo em que diverte a criança, enriquece suas possibilidades enquanto sujeito humano que sente, reflete, compartilha, interage, aprende e muda.

Na obra, as linguagens verbal e visual, esta preponderante e atrativa, integram-se adequadamente, de modo a, fornecendo contribuições específicas à constituição da narrativa, compõem uma totalidade marcada pela riqueza de possibilidades significativas. Por essa característica, configura-se como um livro ilustrado, já que, embora nele ganhem destaque os aspectos visuais, o significado é decorrente da interação entre palavras e imagens (Nodelman, 1988 *apud* Nikolajeva; Scott, 2011).

A despeito dessa característica, merecem especial atenção no livro as ilustrações (Fig. 1), as quais se destacam nas páginas e misturam desenhos – que por seus traços simples e pouco refinados, indicam ser feitos por uma criança – com montagens formadas por recortes de papelão.

Figura 1: Exemplos de ilustrações do livro ilustrado “Vazio”



Fonte: Llenas, 2017

Na quase totalidade das páginas, a ideia de vazio é representada, na garota Júlia e em outras personagens com as quais convive no enredo, por um círculo, geralmente vazado, localizado no centro de seus corpos, sempre compostos por recortes de papelão. Na capa do livro, essa referência ao vazio é feita por um círculo recortado, localizado no centro do corpo de uma menina que, feliz, o observa e, satisfeita, o envolve com os braços, como se pode constatar na imagem abaixo (Fig. 2). Através do vazado desse círculo, aspecto da materialidade que muito comunica e expressa, vê-se apenas um fundo branco, o que serve para reforçar a ideia de falta, embora nesse elemento inicial do livro, pelas expressões facial e corporal dessa

personagem, já seja possível imaginar que a menina parece aceitar a existência desse vazio e conseguir lidar satisfatoriamente com ele.

Figura 2: Capa do livro, com buraco vazado no centro do corpo da personagem



Fonte: Llenas, 2017

As ilustrações são, portanto, elemento que expressa de maneira muito significativa no livro, nele assumindo um papel fundamental. Devido a essa característica, ler a obra requer observar criteriosamente o texto imagético e seus detalhes. Em virtude disso, atentar às cores, formas e posição dos elementos das imagens nas páginas é condição fundamental a uma leitura competente e efetiva, uma vez que a ilustração, “alimentando a fome do leitor a cada página, proporciona um abrir de portas em seu imaginário. Este se encontra provocado a ir à caça, em uma densa floresta de entremeios escondidos no todo da obra, interagindo com ela numa consonância com seu interior” (Széliga, 2008, p. 182).

Nessa direção, cabe realçar que os diferentes elementos materiais do livro e sua estética visual que surpreende e encanta, ancorando os propósitos narrativos que perpassam suas mensagens verbais e visuais, promovem e demandam uma leitura na qual estão envolvidas múltiplas dimensões.

Por ser profícua em sentidos, a narrativa ecoa nas capacidades interpretativas e na sensibilidade do leitor, propiciando, em decorrência, novas possibilidades de ele compreender o tema tratado e, com isso, enriquecer suas experiências leitoras e existenciais. Os implícitos que o texto carrega motivam a atividade desse leitor que, a partir das pistas verbais e visuais que encontra, é impelido a preencher lacunas e construir sentidos. Nessa perspectiva, os espaços textuais, já que não se diz tudo e atribui-se àquele que lê a responsabilidade de completar significados, instigam e induzem a leitura.



A consideração do papel do leitor e de sua atuação no preenchimento das lacunas textuais, desse modo, possibilita atribuir-lhe o papel de “outro autor”, uma vez que contribui ativamente para criar e contar a história. Assim, num trabalho desafiador situado sobre o espaço de leitura criado pela tensão entre o dito pelas palavras e o mostrado pelas imagens no livro infantil ilustrado, e também auxiliado por seus conhecimentos, experiências e expectativas prévios, esse leitor constrói uma interpretação ativa.

Na narrativa, a busca de Júlia por achar, fora de si, algo que fizesse aquele vazio desaparecer, mostram-se ineficazes, uma vez que, mesmo sendo boas, aparentemente boas, apenas “tapeação” e até “muuuuuuito perigosas” – avaliações estas concretizadas tanto por meio de efeitos como a repetição de letras nas palavras, a fim de enfatizar o seu sentido, quanto pelas imagens que se destacam nas páginas e acompanham as curtas mensagens verbais –, as “tampas” que encontra não conseguem fechar o buraco que sente, levando-a, por fim, a desistir da procura, parecendo entregar-se e desistir da luta contra aquilo que parece não ter forças para enfrentar.

Nesse ponto da narrativa, uma página dupla composta somente por um fundo branco e na qual ocorre apenas a curta frase “Então acabou desistindo”, diante de uma aparente carência de informações, o leitor é implicado a relacionar a ideia da desistência do propósito de busca de uma tampa à falta e à inexistência de propósitos denotada pelo uso da cor branca, o que comprova a profícua inter-relação de verbal e visual na manifestação dos significados.

A partir daí, numa reviravolta na narrativa, após muito chorar até que sua tristeza vira novamente silêncio, Júlia deixa de procurar “tampas” externamente e passa a olhar para dentro de si. Fazendo isso, descobre um mundo novo, do qual começam a brotar palavras, cores, sons e mundos maravilhosos e mágicos, nunca antes imaginados, apresentados ao leitor através de um pertinente uso de profusão de cores vivas e fortes, bem como das expressões faciais e corporais satisfeitas dos personagens.

Portanto, a conjunção de fatores de diferentes ordens – linguística, narrativa, temática, material, artística, entre outras – concretiza uma obra que fala muito proximamente aos leitores aos quais se dirige, tratando com sensibilidade de algo que eles vivem e sentem. Nela, as vivências da protagonista e o modo como são retratadas

pela composição que agrega o verbal e o visual permitem aproximá-las da noção de “mirada interna”, cunhada por Gama-Khalil e Borges (*apud* Gama-Khalil; Borges; Oliveira-Iguna, 2022), que expressa um movimento de imersão do personagem em seu universo interior, tentando lidar com sentimentos e situações muitas vezes negativos, e que acaba repercutindo no sujeito leitor. Para as autoras, portanto, há um entrelaçamento entre a reflexão sobre temas fraturantes pelo universo ficcional e o movimento do leitor de “olhar para dentro de si”, mirando o mundo interior com vistas a melhor constituir-se enquanto sujeito no mundo exterior.

Assim, nas obras em que emergem imagens e acontecimentos relacionados aos temas fraturantes, as personagens vivem situações traumáticas e, imergindo em seu eu, ou seja, “espiando para dentro”, num processo de reelaboração de si, de sua subjetividade, conseguem compreendê-las e melhor enfrentá-las. Essa “mirada interna”, entretanto, não representa uma fuga, um encapsular-se para não enfrentar o que, no exterior, desafia e gera desconforto. Ao contrário, é caminho necessário à construção de outros modos de ser e viver, afinal, como bem aponta Cademartori (2009, p. 23), “a possibilidade de nos transformarmos em outro é o que torna igualmente possível o retorno a algo essencial em nós”.

A narrativa “Vazio”, nessa perspectiva, mesmo abordando os sofrimentos humanos que também acometem as crianças, apresenta um desfecho feliz em que a protagonista descobre a necessidade de olhar para dentro de si, a fim de construir possibilidades de, melhor entendendo o que sente, poder estabelecer relações efetivas e ricas com os outros e compreender de maneira mais significativa o que a circunda. Quanto a isso, Azevedo (2004) salienta a importância de o literário apresentar personagens fictícios, embora complexos e paradoxais como os seres humanos reais que, ao enfrentarem um constante processo de mudança e se empenharem em construir um significado para suas vidas, permitem a verdadeira identificação entre a criança que lê e o texto.

Segundo Colomer (2017), na literatura infantil e juvenil atual, é frequente o tratamento dos conflitos psicológicos, o que denota uma significativa mudança em relação à “literatura que se construiu tradicionalmente sobre a aventura externa, o preceito sobre as condutas e a falta de caracterização psicológica dos personagens”. Para a autora, uma das principais dificuldades em narrativas psicológicas é a representação dos impasses internos da criança, pois ao mesmo tempo em que é necessária a verossimilhança (ela assim pode identificar angústias e medos coerentes

com a sua idade), também é preciso que a narrativa não tenha um tom dramático, incoerente com a sua faixa etária. A obra “Vazio” consegue atender a contento ambas as condições.

O livro traz em seu desfecho a descoberta feita pela menina de que, olhando para dentro de si, encontraria motivos e alegrias para relacionar-se diferentemente com os outros, aceitando que estes também têm seus ricos mundos internos. Ao ressaltar que o “vazio” sentido pela personagem, embora diminuindo, nunca tenha sumido de vez, a narrativa conduz o pequeno leitor a pensar sobre suas próprias experiências e a, entendendo-as, abastecer-se de forças e de crença em suas capacidades e possibilidades enquanto sujeito humano. Sobre isso, o poeta Elias José, citado por Cordeiro (2006), afirma que a leitura de literatura, ao mesmo tempo em que nos leva a entontecer de prazer, nos enche de perguntas sobre o mundo que nos cerca e, também, sobre o mundo que nós somos e que, muitas vezes, desconhecemos.

O fato de a obra ser concluída com esse desfecho feliz, caracterizado pela descoberta de que é o olhar para dentro que permite ouvir a voz interior e encontrar os encantos e belezas que guardamos dentro de nós, embora quase sempre os desconheçamos, é importante para que o leitor criança também acredite em suas próprias possibilidades e superações. O literário, dessa forma, fazendo pensar sobre o vivido, demonstra a potencialidade cognitiva dos textos ficcionais, o que é salientado por Andruetto (2012, p. 105) que, definindo a ficção como uma “mentira que permite ver a realidade intensamente”, assume sua confiança nos mecanismos pelos quais o literário é capaz de abrir, no leitor, novos olhares sobre si e o mundo.

Essa compreensão é reforçada por Colasanti (2008) quando se refere à literatura como universo que, conjugando pensamento e emoção, crava-se como uma cunha no pensamento do leitor, surpreendendo-o, provocando-o e levando-o a refletir.

Inclusive, a ilustração final do livro (Fig. 3), com a imagem de uma pequena planta que começa a brotar através do “buraco” onde antes só havia o vazio e que, ficando suas raízes no chão sobre o qual a menina posta-se tranquila, metaforiza o renascer e as possibilidades de frutificarem novos e significativos aprendizados, alegrias e descobertas, o que é fundamental à construção dos sentidos na leitura da narrativa.

Figura 3: Ilustração final do livro “Vazio”



Fonte: Llenas, 2017

“Vazio”, por tudo isso, exemplifica o valor do literário como possibilidade de ampliação das compreensões do leitor sobre si e sobre o mundo no qual se situa. Apresentando um tema denso e difícil, concernente aos sofrimentos psíquicos que, num contexto marcado pela evanescência das certezas, acometem os indivíduos, consegue, tanto por meio do verbal quanto do visual, fazê-lo de um modo próximo à criança, possibilitando-lhe refletir sobre as próprias experiências e, nesse processo, modificar-se. Cumpre, assim, a função de, enquanto arte, alargar os horizontes do leitor, permitindo-lhe, como salienta Aguiar (2006, p. 39), “a descoberta de novas formas de ser e de viver, interna e externamente”.

### **Considerações finais**

A literatura cria, pela via da imaginação e através de uma linguagem própria, expressa artisticamente, um modelo do mundo através do qual o leitor, deslocando-se do tempo e do espaço presentes, percorre, como ressalta Cademartori (2009), um caminho rumo a uma compreensão distinta da própria experiência da vida real.

No caso do literário voltado às crianças, essa condição também se faz presente. Nesse universo, é possível encontrar obras que, por sua qualidade artística e estética, divertem, encantam, emocionam, mas também, por proporcionarem a identificação do pequeno leitor com o que abordam e com o modo como fazem essa abordagem, possibilitam-lhe compreender, de modo mais completo, suas experiências. Marcadas por tais características, essas obras cumprem um papel relevante nos processos de subjetivação e humanização dos pequenos leitores, auxiliando-os, pelo caminho do simbólico, a construir compreensões sobre o que

vivem e sentem, o que inclui, por exemplo, dores, sofrimentos e perdas, assuntos situados nos chamados “temas fraturantes”, hoje muito frequentes na literatura infantil.

“Vazio”, de Anna Llenas, como visto, é um exemplo de obra literária que, tratando de algo que é próprio da vida humana – o sofrimento e o vazio existencial que ele é capaz de produzir –, aproxima-se do leitor criança. Ao falar de sentimentos e dores que esse leitor também sente e experimenta, ajuda-o a, debruçando-se sobre a vivência de um outro, que é ficcional, compreender melhor e mais profundamente a própria experiência, os sentimentos, emoções e necessidades que lhe são tão caros e íntimos.

Cumprindo essa função, a literatura infantil realiza efetivamente o seu papel enquanto arte, uma vez que, ao mesmo tempo em que promove a fruição, conduz a criança a, entendendo melhor a si e ao que a cerca, ampliar suas experiências como leitora e como sujeito humano.

## Referências:

- AGUIAR, V. T. de. Notas para uma psicossociologia da leitura. *In*: TURCHI, M. Z. e SILVA, V. M. T. (Org.). *Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis-SP: ANEP, 2006. p. 34-40.
- AGUIAR, V. T. de. O saldo da leitura. *In*: DALVI, M. A.; REZENDE, N. L. de; JOVER-FALEIROS, R. (Org.). *Leitura de literatura na escola*. São Paulo: Parábola, 2013. p. 153-161.
- ANDRUETTO, M. T. *Por uma literatura sem adjetivos*. Tradução: Carmem Cacciacarro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- ANNÁ, R. C.; MICHELLI, R. Criando mundos possíveis na e pela ficção de Vermelho Amargo. *In*: GAMA-KHALIL, M. M.; BORGES, L. A.; OLIVEIRA-IGUMA, A. de (Org.). *“Espiar pra dentro”: os temas fraturantes e a reelaboração dos sujeitos*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 89-112. E-book. Disponível em: <https://www.dialogarts.uerj.br/wp-content/uploads/2023/01/EspiarPraDentro.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2023.
- AZEVEDO, R. Formação de leitores e razões para a literatura. *In*: SOUZA, R. J. de (Org.). *Caminhos para a formação do leitor*. São Paulo: DCL, 2004. p. 37-48.
- BAJOUR, C. *Ouvir nas entrelinhas: o valor da escuta nas práticas de leitura*. Tradução: Alexandre Morales. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- BARROS, L. M.; AZEVEDO, F. Literatura infantil e temas difíceis: mediação e recepção. *Em Aberto*, Brasília, v. 32, n. 105, p. 77-92, maio/ago. 2019. DOI: <https://doi.org/10.24109/2176-6673.emaberto.32i105>. Disponível em: <http://www.emaberto.inep.gov.br/ojs3/index.php/emaberto/article/view/4210>. Acesso em: 04 ago. 2023.

- BARTH, P. A. O desespero que vive dentro da gente: representações de ansiedade e medo da perda em Um fio de esperança de Marjolin Hof. In: GAMA-KHALIL, M. M.; BORGES, L. A.; OLIVEIRA-IGUMA, A. de (Org.). *“Espiar pra dentro”*: os temas fraturantes e a reelaboração dos sujeitos. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 60-88. E-book. Disponível em: <https://www.dialogarts.uerj.br/wp-content/uploads/2023/01/EspiarPraDentro.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2023.
- BERNARDO, G. A qualidade da invenção. In: OLIVEIRA, I. de (Org.). *O que é qualidade em literatura infantil e juvenil?*: com a palavra, o escritor. São Paulo: DCL, 2005. p. 9-24.
- BRITTO, L. P. L. Literatura, conhecimento e liberdade. In: Instituto C&A (realização); Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (apoio). *Nos caminhos da literatura*. São Paulo: Peirópolis, 2008. p. 95-101.
- BURLAMAQUE, F. V. Os primeiros passos na constituição de leitores autônomos: a formação do professor. In: TURCHI, M. Z. e SILVA, V. M. T. (Org.). *Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis-SP: ANEP, 2006. p. 79-91.
- CADEMARTORI, L. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- CANDIDO, A. O direito à literatura. In: \_\_\_\_\_. *O direito à literatura e outros ensaios*. Coimbra: Angelus Novus, 2004. p. 11-33.
- COLASANTI, M. Avaliando minha dívida com a leitura. In: Instituto C&A (realização); Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (apoio). *Nos caminhos da literatura*. São Paulo: Peirópolis, 2008. p. 166-170.
- COLOMER, T. *Introdução à literatura infantil e juvenil atual*. Tradução: Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2017.
- CORDEIRO, V. M. R. Cenas de leitura. In: TURCHI, M. Z.; SILVA, V. M. T. (Org.). *Leitor formado, leitor em formação: leitura literária em questão*. São Paulo: Cultura Acadêmica; Assis-SP: ANEP, 2006. p. 64-75.
- GAMA-KHALIL, M. M.; BORGES, L. A.; OLIVEIRA-IGUMA, A. de. Apresentação. In: \_\_\_\_\_. (Org.). *“Espiar pra dentro”*: os temas fraturantes e a reelaboração dos sujeitos. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 6-14. E-book. Disponível em: <https://www.dialogarts.uerj.br/wp-content/uploads/2023/01/EspiarPraDentro.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2023.
- GOLDIN, D. *Os dias e os livros: divagações sobre a hospitalidade da leitura*. Tradução: Carmem Cacciaccaro. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- LLENAS, A. *Vazio*. Tradução: Silvana Tavano. São Paulo: Moderna, 2017.
- NIKOLAJEVA, M., SCOTT, C. *Livro ilustrado: palavras e imagens*. Tradução: Cid Knipel. São Paulo: Cosac Naify, 2011.
- OLIVEIRA-IGUMA, A. de. De quais temas fraturantes fala o livro Desequilibristas, de Manu Malteaz? In: GAMA-KHALIL, M. M.; BORGES, L. A.; OLIVEIRA-IGUMA, A. de (Org.). *“Espiar pra dentro”*: os temas fraturantes e a reelaboração dos sujeitos. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2022. p. 41-59. E-book. Disponível em: <https://www.dialogarts.uerj.br/wp-content/uploads/2023/01/EspiarPraDentro.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2023.



- PARREIRAS, N. *Confusão de línguas na literatura: o que o adulto escreve, a criança lê*. Belo Horizonte: RHJ, 2009.
- PERISSÉ, G. *Estética & Educação*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2014. (Coleção Temas & Educação)
- PETIT, M. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução: Arthur Bueno e Camila Boldrini. 2. ed., 3. reimp. São Paulo: Editora 34, 2021.
- QUEIRÓS, B. C. de. Bartolomeu Campos de Queirós. *In: Instituto C&A (realização); Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil (apoio). Nos caminhos da literatura*. São Paulo: Peirópolis, 2008. p. 158-163.
- RAMOS, A. M.; VERNON, R. Das dores de crescimento à dor de existir: representações literárias de adolescências feridas. *Acta Scientiarum*. Language and Culture, Maringá, v. 37, n. 3, p. 287- 295, jul./set. 2015. DOI: <https://doi.org/10.4025/actascilangcult.v37i3.26211>. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciLangCult/article/view/2621>. Acesso em: 04 ago. 2023.
- REYES, Y. *A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância*. São Paulo: Global, 2010.
- REYES, Y. *Ler e brincar, tecer e cantar: literatura, escrita e educação*. Tradução: Rodrigo Petronio. São Paulo: Pulo do Gato, 2012.
- REYES, Y. *A substância oculta dos contos: as vozes e narrativas que nos constituem*. Tradução: Susana Ventura. São Paulo: Pulo do Gato, 2021.
- SZÉLIGA, M. Depoimento. *In: OLIVEIRA, I. de (Org.). O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil: com a palavra o ilustrador*. São Paulo: DCL, 2008. p. 181-183.
- TODOROV, T. *A literatura em perigo*. 9. ed. Tradução: Caio Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2019.